

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Francisca Verlênia Silva Lima ¹

RESUMO

O presente artigo relata sobre as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, uma problemática que está intrinsecamente associada ao fracasso escolar e necessita de atenção e esforços para minimizar os danos que trazem a educação e as crianças. Os desdobramentos teóricos no relato de experiência foram com base nos estudos de Fonseca (1995) e Santos (2015), dando enfoque nas conceituações e questionamentos no que tange o assunto, permitindo uma melhor compreensão sobre as dificuldades. A partir da descrição e análise de experiência da discussão do presente relato de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na perspectiva da temática abordada, permite-se chegar à conclusão de que são inúmeros os fatores das dificuldades de aprendizagem, necessitando de uma identificação e acompanhamento de forma específica, considerando que cada indivíduo é único, com suas potencialidades e dificuldades, interações sociais distintas e em constante desenvolvimento.

Palavras-chave: Dificuldades de Aprendizagem, Leitura, Escrita, Estágio Supervisionado.

INTRODUÇÃO

De acordo com o § 6º do Art. 13 da Resolução do Conselho Nacional de Educação - CNE/CP 02/2015, “o estágio curricular supervisionado é componente obrigatório da organização curricular das licenciaturas, sendo uma atividade específica intrinsecamente articulada com a prática e com as demais atividades de trabalho acadêmico.”

Assim sendo, o Estágio Curricular Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, dentro da matriz curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, *campus* Canindé, com carga horária de 100 horas/aulas, torna-se um componente indispensável no processo de formação inicial docente.

Dialogando com o Projeto Político Pedagógico do Curso, aprovado em 2018 pelo Conselho Superior – CONSUP do IFCE, o objetivo do Curso é:

Formar o profissional da educação para atuar na docência da educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como na organização e gestão de sistemas, unidades, projetos e experiências educativas e na produção e difusão do conhecimento científico e tecnológico do campo educacional em contextos escolares e não-escolares. (PROJETO PEDAGÓGICO, 2018, p. 24).

¹ Licenciando em Pedagogia pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE), campus Canindé - CE, francisca.verlenia.silva05@aluno.ifce.edu.br.

Isto posto, entendemos que o Estágio em Pedagogia permite a busca de novas práticas pedagógicas e novos conhecimentos dentro da realidade educacional local, proporcionando ao licenciando uma experiência que permitirá conhecer a profissão em que se deseja atuar.

O que permite, também, uma construção de identidade profissional a partir de uma significação social da profissão da revisão constante dos significados sociais da profissão e da revisão das tradições já estabelecidas.

Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas a luz das teorias existentes, da construção de novas teorias. Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere a atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA, 2012).

O Estágio Supervisionado oportuniza, para o licenciando, a entrada no ambiente escolar e a aproximação com a prática educativa e todas as suas complexidades. Uma delas corresponde a leitura e a escrita, sobretudo as dificuldades presentes nesse processo de desenvolvimento nos anos iniciais do ensino fundamental.

Nas últimas décadas, o processo de alfabetização no Brasil é uma temática que está intrinsecamente associada ao fracasso escolar e tem sido amplamente debatido por setores e organizações públicas responsáveis, mas que são enfrentados diariamente no chão da sala de aula.

As dificuldades de aprendizagem compreendem-se num problema que aflige os alunos no ambiente educacional e que tem sido enfrentado diariamente por educadores. Os alunos apresentam dificuldades no momento de aprender algo proposto pelo docente em sala. Diversas vezes, por mais que demandem esforço, não alcançam resultados positivos, ocasionando defasagens no desempenho escolar.

Diversos autores trazem conceituações pertinentes sobre as dificuldades de aprendizagem. Fonseca (1995) faz ênfase sobre a necessidade de uma conceituação coerente e pedagógica. Sendo assim, ele aponta para a definição segundo a National Joint Committee of Learning Disabilities - NJCLD (1988):

Dificuldade de aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de desordem, manifestadas por dificuldades significativas na aquisição e utilização da compreensão auditiva, da fala, da leitura, da escrita e do raciocínio matemático. Tais desordens, consideradas intrínsecas ao indivíduo, presumindo-se que sejam devidas a uma disfunção do sistema nervoso central, podem ocorrer durante toda a vida. Problemas na auto-regulação do comportamento, na percepção social e na interação social podem existir com as DA. Apesar das DA ocorrerem com outras deficiências (por exemplo, deficiência sensorial, deficiência mental, distúrbios sócio-



emocionais) ou com influências extrínsecas (por exemplo, diferenças culturais, insuficiente ou inapropriada instrução, etc.) elas não são resultadas dessas condições.

Fonseca complementa essa discussão ressaltando que:

[...] o enfoque das DA está no indivíduo que não rende ao nível do que se poderia supor e esperar a partir do seu potencial intelectual, e por motivo dessa especificidade cognitiva na aprendizagem, ele tende a revelar fracassos inesperados. (FONSECA, 1995, p.72).

Ao delinear tal conceito, é comum associar as dificuldades de aprendizagem com os transtornos de aprendizagem. Faz-se necessário a distinção entre os dois termos, considerando que os distúrbios são considerados alterações ou perturbações na aquisição no ato de aprender, visto que o problema seria visto como uma entidade nosológica, como uma “doença” ou uma “disfunção” (Almeida et al., 1995).

Além do docente, a escola e a família necessitam estarem conectados para que sejam detectadas as possíveis causas e fatores das dificuldades que os alunos tendem a apresentar, evitando implicações ainda maiores. Conforme Santos (2015):

Muitos alunos apresentam dificuldades no momento de aprender algo, às vezes se esforçam e não alcançam êxito escolar, por isso sentem-se desmotivados com autoestima baixa, daí é importante a identificação do problema, compreensão e colaboração de todas as partes envolvidas no processo: pais, professores e orientadores. (SANTOS, 2015, p.19).

Quanto a leitura e escrita são temas amplos que estão interligados, e em constante discussão pelos pesquisadores, por serem indispensáveis à vida das pessoas. Mas, para fazer uso dessas duas ferramentas é necessário adquirir suas habilidades básicas, como aponta em recentes estudos de (Nunes; De Melo, 2020), descrevendo Soares (2013):

[...]. Enquanto as habilidades e conhecimentos de leituras e estendem desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de integrar informação obtida de diferentes textos, as habilidades e conhecimentos de escrita estendem-se desde a habilidade de simplesmente transcrever sons até a capacidade de comunicar-se adequadamente com um leitor em potencial (SOARES, 2013, p. 31).

Diante disso, fica evidente que ter domínio dessas habilidades básicas, vai muito além de simplesmente realizar a leitura de um texto ou a escrita de um ditado de texto. Trata-se de ter domínio pleno para que o aluno utilize não só na escola, mas em seu cotidiano, facilitando o entendimento em diferentes contextos da vida social. Se o aluno chega ao 5º ano sem adquirir essas habilidades, é importante que o conteúdo de sala seja então adaptado para aquisição desses

fatores essenciais no decorrer de toda vida estudantil, principalmente. De acordo com Soares (2013):

Além disso, habilidades e conhecimentos de escrita, tal como ocorre com as habilidades e conhecimentos de leitura, devem ser utilizadas diferencialmente para produzir uma grande diversidade de materiais escritos: desde simples assinatura do próprio nome ou a elaboração de uma lista de compras até a produção de um ensaio ou de uma tese de doutorado (SOARES,2013, p. 32).

Desse modo, a motivação do presente relato de experiência decorreu diante da percepção da presença de dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita dos alunos de uma turma de 5º ano e o imenso desafio para a possibilidade de condições favoráveis de aprendizagem para a minimização dos danos.

Nesta perspectiva, a pesquisa tem por objetivo relatar as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita observadas a partir do Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais, realizado numa Escola da rede pública municipal de Canindé, no Ceará.

O relato de experiência está estruturado na introdução, abordando de forma breve o Estágio Supervisionado como componente relevante para a formação inicial docente, é apresentado as teorias que embasam a temática a partir de Fonseca (1995) e Santos (2015), a justificativa e objetivo do relato. Em seguida, é realizado a descrição e análise da experiência do Estágio, parte principal do presente trabalho. Finalmente, são feitas as considerações finais sobre a discussão e as principais contribuições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência do Estágio iniciou com o período de observação de aula. Ao longo do tempo pude perceber a prática do professor supervisor e a turma do 5º ano. A princípio, foi bastante desafiador em decorrência de ser uma turma numerosa, o que impacta na gestão da sala, no ensino e aprendizagem dos alunos.

Nos momentos de observação, constatou-se dificuldades das crianças ao realizarem as atividades propostas pelo docente. Apresentavam dificuldades na leitura e/ou na escrita para conseguirem ler as questões do livro, responder aquela atividade e ter consciência do que estava escrevendo.

Tais dificuldades apresentavam-se com frequência durante as aulas de história e geografia, incluindo estudantes com algum laudo ou em investigação, dentro de uma realidade cotidiano com 42 alunos regularmente matriculados.

As consequências apresentadas são decorrentes, também, de um processo de alfabetização precário ainda no período da pandemia da Covid-19, em que a turma realizou o 2º e 3º ano do ensino fundamental no ensino remoto.

As dificuldades de aprendizagem observadas na língua escrita foram devidamente identificadas pela coordenação pedagógica da Escola e sendo acompanhadas juntamente com os professores. Com a família, a participação na presença daquele processo do estudante eram mínimas.

Enquanto estagiária, procurei acompanhar alguns dentro das possibilidades durante as aulas. Com isso, também iniciei a pesquisar sobre os desdobramentos da problemática em turmas de 5º ano. Em virtude disso, precisei separar e entender que em sala tinha alunos com dificuldades e alunos com transtornos de aprendizagem. O que Almeida et al. (1995) faz menção sobre a distinção entre os dois termos.

As observações foram momentos necessários para identificar as imprevisibilidades dentro da prática educacional na sala de aula. E, o educador, enquanto mediador daquele processo, deve estar consciente da constante necessidade de tomar decisões para conduzir um coletivo.

Na fase das aulas coparticipadas, as contribuições deixadas foram de algumas exposições teóricas dentro das problemáticas das disciplinas, como também em correção de atividades e na gestão de sala de aula. Cooperar com a turma tornou os momentos mais significativos, visto que isso se dá pela essência do Estágio Supervisionado.

No planejamento, foi o momento de identificar a metodologia que o professor pretendia dar aquela aula. O plano de aula seguia a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com suporte do livro didático. Na condição de um processo formativo e ciente das trocas, sugeri diversas vezes usar algumas temáticas para a apresentação de seminários e até produções textuais com os alunos, pois observava que essas práticas não aconteciam.

Adiante de uma turma com inúmeros dificuldades, desafiá-los seria oportunidade de buscar encontrar algo novo, deixar visível aquele desafio e dar suporte para que o aluno encontre soluções, mesmo que parciais dentro de suas capacidades.

No período de regência, foram os momentos mais enriquecedores do Estágio nos Anos Iniciais. Foram colocadas em prática as atividades com base nas observações, no planejamento e nas aulas coparticipadas.

Apesar não ser disciplina de língua portuguesa, foi possível trabalhar o enfrentamento a essas dificuldades com a história e a geografia, principalmente na execução de atividades. O desafio posto requer uma consciência de uma interdisciplinaridade a ser executada com uma turma dinâmica.

As disciplinas das ciências humanas traz uma particularidade que é estar cotidianamente vivendo ela, por isso, consideravelmente fácil de inserir o aluno no contexto que o conteúdo irá exigir. A partir disso, é possível deixar uma forma mais teórica tradicionalmente usada e adentrar numa linguagem mais dialógica da situação.

Explorar a oralidade e a escrita foram objetivos centrais das regências ministradas. A explanação, a participação dos mesmos e o entendimento escrito foram sequências exploradas, descartando o livro didático, habitual de todas as aulas.

As exposição teórica, seguida com as anotações dos principais elementos na lousa tornaram mais frequentes com o objetivo de permitir que os alunos exercessem também o hábito de copiar e tentar assimilar ou fixar o conteúdo proposto.

Uma das regências contribuiu com a escolha da abordagem temática do presente relato, na qual o conteúdo era surgimento da escrita, na aula de história. Como proposta, coloquei uma atividade de produção textual sobre a escrita e seu uso no cotidiano, pretendendo observar o desenvolvimento da capacidade argumentativa e visualizar as dificuldades na escrita.

Dito isso, posteriormente, na fase de avaliação, foi considerável que as atividades propostas na regência não eram rotineiras para uma turma que apresentava dificuldades na escrita e leitura. Passar por esses processos tornam essenciais para a superação dos desafios individuais e coletivos.

Colocar o aluno diante da dificuldade dele que é escrever uma frase com coerência e ele ter consciência daquela escrita é permitir que ele acesse os seus desafios diariamente e busque diminuir as dificuldades com a intervenção do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve por objetivo relatar as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita observadas nas aulas de história e geografia a partir Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais nos Ensino Fundamental, além de algumas ponderações acerca do percurso formativo realizado na escola-campo.

Foi significativamente imprescindível para compreender de forma teórica as dificuldades de aprendizagem e conseguir relacioná-las com o cotidiano vivenciado na escola durante a trajetória do Estágio, deixando, também, minhas colaborações para a turma e com a prática do professor frente as realidades apresentadas.

Transcorreram relevantes aprendizagens para a minha formação acadêmica, levando-me a refletir as ações realizadas na presente disciplina e também as minhas futuras, uma vez que a prática educativa profunda e cheia de singularidades.

Ademais, buscar assimilar que a carga horária teórica na instituição formadora foram de extrema importância para a minha formação, de forma que os momentos de Estágio na escola-campo estivessem alinhados e fizessem sentido, reduzindo as complexidades entre teoria e prática, assim como oportunizaram uma base reflexiva concisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a orientadora de Estágio, Professora Paula Patrícia Barbosa Ventura pela dedicação, zelo e compromisso com a disciplina e com os estagiários. Pelo levantamento de discussões e reflexões em sala, contribuindo significativamente com o processo formativo. Meu reconhecimento ao meu Supervisor de Estágio, Professor Francisco Silvânio Bezerra de Sousa pelo aceite, pela confiança dada, pela paciência e pelas trocas durante meu percurso na Escola.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. F. C. de. **Concepções e práticas de psicólogos escolares acerca das dificuldades de aprendizagem**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v.11, n.2, p.117- 134, maio/agosto, 1995.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n.º 2, de 1.º de julho de 2015**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília/DF, 2015a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

FONSECA, V. da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) Contínua 2020 e 2021**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/17270-pnad-continua.html>. Acesso em: 9 jun. 2023.

SANTOS, Euzila Pereira dos. **Dificuldades de Aprendizagem nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. Disponível em:



http://bdm.unb.br/bitstream/10483/12111/1/2015_EuzilaPereiradosSantos.pdf. Acesso em: 8 jun. 2023.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Tradução: Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.